

QUINTA-FEIRA
Lisboa -- 11 de Novembro - 1926

5 TOSTÕES



27

sempre
five
sempre
humor



Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 195
RUA DA ROSA, 57



O comandante: Vamos lá rapazes, o trânsito regula-se com musica e de harmonia com as letras do bonet... Os automoveis devem seguir sempre --- o Pior Caminho...

Almas



Os ditos da semana



Deixem lá falar.

O homem de sua natureza — e até a mulher — é bom.

O bom humor é que é a disposição original da vida.

O mau humor é uma criação artificiosa para justificar a policia.

Ora narremos.



Ha dias, quando foi da demolição do mercado 24 de Julho, estavam os vendedores, mulheres e homens, muito exaltados com o pessoal da Camara.

Parecia que ia arder Troia. Que ia arder o mercado. Que o mercado ia ser demolido por si proprio.

Ainda não tinham chegado os vereadores e já a policia andava a contas com os protestantes.

— Isto não pode ser! Isto é uma violencia!

— O' sr. guarda, quem é que nos guarda agora esta traquitana?

— O' sr. fiscal, como é que a gente se vai arranjar, se ali defronte não cabemos senão metade dos que estamos aqui?

Uma colareja antiga, a de-

cana daquele monturo, interrogava:

— Eu só quero que o Governo nos diga como é que a gente agora se vai governar.

A policia estava a perder a paciencia e já havia conflitos.

Nisto — surgem os ratos. Dezenas, centenas de ratos, de todas as cores, idades, feitios e velocidade nas patas.

Foi uma festa!

Tudo perdeu a linha. Acabou-se a colera. Corriam homens, mulheres, rapazes, empregados, policia, sobre os roedores espavoridos. Os gatos — fugiram!

A colera tornou-se uma ale-

gria. Mais ninguem protestou.

O bom humor salvou a situação.

E quando chegou o vereador sr. Quirino da Fonseca, a dar cortezes explicações, uma mulher, desgrenhada da caçada, e que parecia que ia a fazer um sermão de protesto, saiu-se com esta:

— O' senhor da Camara! Isto dos ratos é que teve muita graça!

E dali por uma hora estava tudo arrumado.



Uma vez, no Senhor da Serra

15 de Novembro



O SEMPRE FIXE sauda com o seu melhor sorriso o ilustre embaixador do Brazil, sr. dr. Cardoso d'Oliveira

ra, assistimos á seguinte scena.

Uns foliões travaram-se de razões com outros, por causa das tradições, que dizem que não ha Senhor da Serra sem pancadaria.

E já havia navalhas abertas, quando chegaram os cabos da guarda republicana.

Aumentou o cataclismo.

Nem boas razões, nem prudencias, nem ameaças.

— Vai aqui tudo cosido á facada!

E os cabos começaram a puxar dos sabres.

Nisto — em vez dos ratos — aparece, indiferente ao perigo, um fotografo destes *à la minute*.

— Dois mil réis! E' uma recordação da Serra!

Milagre.

Os desavindos puzeram-se logo em pose, com as navalhas e as guitarras — e até os soldados ficaram na fotografia...

A boa disposição do discipulo ambulante de Daguerre restituira o bom humor original a toda a gente.

Nesse ano, o Senhor da Serra foi uma fotografia das coleras populares... *à la minute*.



A "chauffeuse:

— Posso avançar?

O sinaleiro:

— Devagarinho! Olhe que pode furar algum pneu...



— Sabes que o Gabriel d'Annunzio está escrevendo um livro?
— Bem sei! Intitula-se o "Antonio, ferro eul."

CANÇÃO NACIONAL

A GUITARRA

Sob uma quadra autógrafa de RUI CHIANCA

*Nunca digas a ninguém
A quem dói o coração...
E quem dói o coração não tem,
Luz! Nunca tem luz!*

Rui Chianca

Glosas

A guitarra é confidente do que se passa em noss'alma, companheira que dá calma ao coração mais sofrido. Ela compreende e sente toda a magua que se tem e, se a Dór junto a nós vem, di-lo a ela sem ter medo, mas cuidado... tal segredo nunca digna a ninguém.

Não é só cantando a Dór que a guitarra é tua amiga pois, nos encantos que abriga, é tão grande o seu valor que até no incerto amor tu verás o seu condão... Não receies ter um—Não—que, por ela acompanhada, tens um—Sim—da tua amada a quem dói o coração.

A guitarra em qualquer eira é, do milho rei,—rainha, quando, ao som da tamanquinha, em redor anda ligeira. Mas se ouvir's a cantadeira não a olhes com desdem nas cantigas ao seu bem, porque diz certo ditado que a mais não é obrigado quem dá o melhor que tem.

Quer na Rua ou quer nas Salas, quer no Povo ou n'Alta Roda, sem perder a antiga moda, vence pelas lindas falas. A guitarra veste galas quando fala ao coração, mas se a falsa opinião diz que ela é filha do crime, quando o Povo a não redime, quasi nunca tem razão.

José Barbosa.



No proximo numero :

O fado de Alcantara

OPINIOES DUM "FIGARO"

RAPAR

OU

deixar crescer

Em Lisboa realizou-se ha dias um Congresso extraordinario dos sindicatos operarios. Mas ainda mais extraordinario que o proprio Congresso foi que os delegados das varias associações de classe perderam algumas horas a discutir uma tésse sôbre os cabelos cortados.

«Da discussão nasce a luz»—é de uso dizer-se. Mas já de ha muito que eu tenho uma certa desconfiança de que isto não é verdade, pelo menos na maioria dos casos. E o facto é que, depois do larga polemica, se chegou á conclusão de que nada se adianta sôbre o assunto.

O *Sempre fixe*, desde que se meteu a jornal importante, seguindo as pisadas do papá *Diario de Lisboa*—que entrevista toda a gente, desde o sr. Ferreira do Amaral até ao *Troca-libras*—resolveu registar nas suas colunas as opiniões de todos quantos se salientam nesta charra vida portuguesa.

Tem, pois, a palavra o barbeiro que apresentou a tésse:

O *Figaro* despiu o trajo característico e envergou umas calças mah-jong, como esses «pollos-Citroen»—assim chamados porque vão a toda a parte e não gastam quasi nada. Está, enfim, um barbeiro da moda—um barbeiro 1926.

Quando nós o interrogámos, tirou do bolso do casaco um masso do «Abdulas», sacou um «ponta encarnada» e, fumando-o negligentemente, foi dizendo:

—A assembleia não esteve á altura do alcance moral da minha tésse...

Quando o ouvimos falar em «alcance», julgámos a principio que se tratava dum simples «adiantamento» metido *malgré lui* á gaveta do patrão. Mas, afinal, era mesmo assim. O nosso barbeiro fala bem. Fala bem e pelos cotovelos—que é como quem diz que se explica por sete.

—Mas o que queria o senhor?

—Que os barbeiros meus camaradas selassem um pacto sagrado.

—Em que sentido?

—Um compromisso de unificarem a moda...

—E em que termos?

—Não são todos os camaradas confederados defensores da Igualdade? Pois bem: seria a extensão deste imortal principio aos cabelos dos homens e das mulheres.

—Do que maneira?

—Aos homens rapava-lhes tudo...

—Tudo?...

—Todos os pêlos visiveis e invisiveis.

—E ás mulheres?

—Na impossibilidade de lhes cortar a cabeça, cortava a todas o cabelo á *Joãosinho*.

—Mas isso ia certamente provocar protestos. Haveria muita gente que se revoltaria.

—Está enganado! Já não ha nada que os leve á revolta. Estão como uns carneiros...

—Por isso é que você os queria tosquiar... E a assembleia, o que respondeu?

—Votou uma moção de espirito contrario ao da minha.

—O que diz ela?

—«Considerando que a força é beleza e que sem força o espirito será derrubado; considerando que, desde os tempos de Samsão, o cabelo é o mais forte musculo dos humanos: a assembleia resolve reprovar a tésse do cidadão barbeiro sôbre os cabelos cortados e dar liberdade á freguesia para usar o cabelo conforme o entender, ou até mesmo para o não usar, se isso lhe aprouver ou, lhe acontecer». E assim se foi a minha esperança!...

—E agora o que faz?

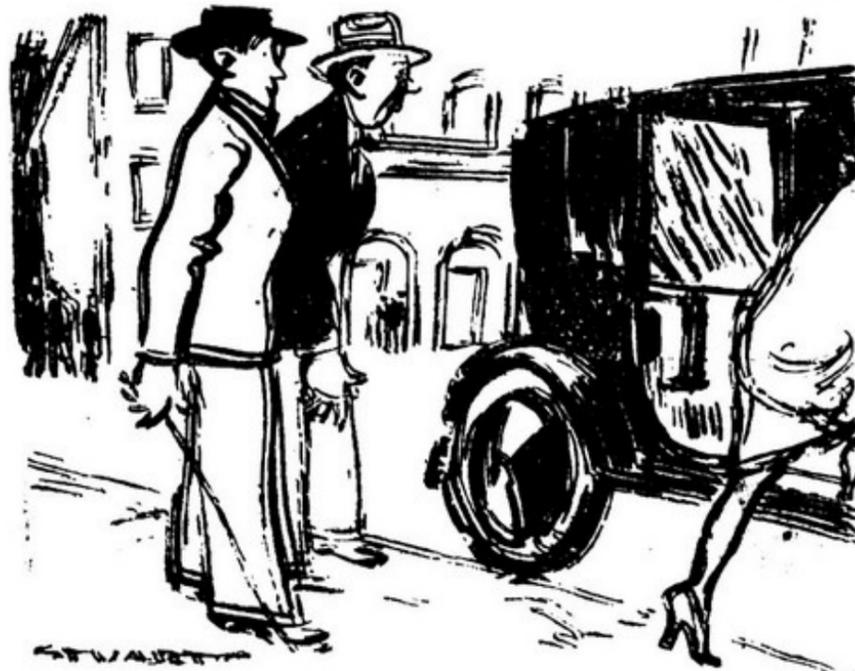
—Em sinal de protesto, vou rapar tudo.

—Mas perde o interesse para as mulheres.

—Ora! Se soubesse ha quanto tempo eu já perdi o interesse por elas!...

E, com um risinho trocista, subiu para um taxi de *palhinha*...

Um como ha muitos.



—Olha, meu filho, é com estas coincidencias que se salvam os rapazes...

CARTA DE UM PARDAL

Ao Sr. Quirino da Fonseca

PRACA DOS RESTAURADORES,
8 de Novembro.

Ex.^{mo} Sr. Vereador:

Acabo de lér num jornal que V. Ex.^a vai arrazar a Praça dos Restauradores. Antes de mais, permita-me V. Ex.^a que lhe lembre que não se trata, como se pode supôr, de uma praça de hortaliças, como as outras que a Camara Municipal mandou deitar abaixo. Esta é uma praça onde não se vende coisa alguma na rua senão bilhetes do electrico e jornais quando condutores e guarda-freios dão licença. Talvez que V. Ex.^a, ponderando este facto, desista dos seus propositos demolidores.

Bem sei que ha, aqui no bairro, muita coisa a pedir vassoura e que V. Ex.^a ainda não mandou varrer, naturalmente porque não é pardal. Se V. Ex.^a pertencesse cá á classe e habitasse empoleirado num ramo de acacia, como eu, havia de vêr o que nós vemos pelas janelas do Ritz e do Maxim's. Ali, sim, é que V. Ex.^a devia entrar com a picareta numa mão e o chicote na outra. V. Ex.^a só arrota contra os pequeninos como eu, deixando em paz os *grandes* e os *maiores* abancados nos clubes, onde ha ruas de má nota, *linhas d'reitas* que vão dar a caminhos tortos e até *carvalos* por cima das mesas, em promiscuidade com as *borboletas*, que, como borboletas que são, não fazem senão andar á rola da luz.

E tudo isto vem a proposito, sr. Vereador, dos seus projectos de nos tirar a casa, sem se importar com a grave crise de habitações com que luta a pardalada.

Primeiramente, correram-nos do Rossio, intimando-nos mandado de despejo quando cortaram as arvores, e agora quere V. Ex.^a fazer-nos o mesmo nos Restauradores. É uma crueldade que nós não merecemos. V. Ex.^a ha de convir que nós temos aqui a nossa casa montada e não ha possibilidade de arranjar outra. Além disso, V. Ex.^a vai vêr-se a braços com sérias reclamações por parte dos cafés, que não dispensam nem a sombra das arvores, nem os condimentos com que nós, do alto das ramagens, adubamos as bebidas dos frequentes.

A tudo isto pode V. Ex.^a objectar que nos mudemos para a Praça do Camões, mas receamos que, como também se trata de uma praça, V. Ex.^a venha a mandá-la arrazar igualmente, em virtude de uma lamentavel confusão.

Creia V. Ex.^a que eu não compreendo que, sendo V. Ex.^a militar, esteja eivado de tão profundo odio ás praças, que são a unica razão de V. Ex.^a ser comandante.

Daqui a pouco rebenta a primavera, rebentam as arvores, e V. Ex.^a rebenta com elas, se antes disso não rebentar uma bernarda cá da pardalada, que não pode sujeitar-se a rebentar de dór. De nada servirá que V. Ex.^a se pônha de prevenção porque nós somos pardais. Fazemos cá de cima o que nos apetece e as forças tem de resignar-se a ficar lá em baixo, a olhar para nós de boca aberta. Tros não vale a pena disparar porque nós somos tão pequeninos que as balas, com a pressa com que vão, não nos enxergam.

Portanto, viva lá e passe muita bem. Vai reunir o *comité* de resistencia.

Sou com a mais alta consideração, de cinco metros e setenta e cinco,

Atento, mas não venerador
nem muito obrigado,

Pardal da Restauração.



TEATRO

«RETROZ PRETO...»

A COMPANHIA Ba-Ta-Clan é um grande repertório de belezas mundiais. 50 0/0 são artistas francesas, 30 são inglesas, 15 são belgas e 5 pertencem, indistintamente, a todos os paizes.

Sabe-se, por exemplo, que uma formosa artista, notavel pela onda dos cabelos, que a vestem quando se despe, é uma condessa italiana, que encontrou num nosso camarada do jornalismo um *cicerone* amavel e respeitro.

Que feliz... novela para um proximo numero dum diario vespertino.



HA uma empresa teatral que, por ter varios dirigentes em varios locais, está atravessando nos seus negocios o mesmo mal dos catholicos, em certa epoca da historia: um papa em Roma e outro em Avinhão.

De um lado—decreta-se; do outro—revoga-se. Como o choque ha de ser inevitavel, desde já preguntamos—quem vencerá?



AO principio da sua carreira, Ives

Mirande teve uma peça infeliz. O director do teatro, para o consolar, disse-lhe uma vez:

—O publico não gosta deste genero!

—Como é que você sabe isso, se ele não vem cá—respondeu Mirande.



A ACTRIZ Ester Leão leva para a sua *tournee* algumas peças de forto caracter e simbolismo

Filha de Lazaro, do nosso camarada Norberto Lopes; *A Triste Feia*, de Ruy Chianca, etc.

Estes dois terriveis titulos podem ter, conforme o decorrer da *tournee*, a sua applicação.



ANEDOTA estrangeira, sempre oportuna:

Entre artistas:

—X. abusa do reclame!

—Segue-te o exemplo, mas não vai tão longe como tu, que os escreves!



ABRIU o Teatro Apolo. A *Princesa Manequim* molhou-se um pouco lo-

go na primeira noite... Chovia! Comentario de dois espectadores desorientados pela 2.ª sessão ter terminado depois das 2,30:

«—Cantar a esta hora é uma inovação ou é um castigo?»

«—Não—é a missa do galo!»



HA um café em Paris onde se costumam reunir os actores de segunda ordem. Um dêes, celebre pelas pateadas e assobios que tem apanhado, tomava ha tempos o seu café á porta do estabelecimento. Chega o pintor X., acompanhado dum cão. Como o animal não quizesse entrar, o pintor assobiou. Mas, ao voltar-se, viu fixado sobre ele o olhar terrivel do artista, a quem consolou, dizendo:

«—Perdão, querido amigo, não sabia que estavas aqui!»



A EMPRESA do Teatro Politeama leva brevemente á scena uma peça intitulada—*Idilio num quinto andar*.

Não seria melhor num rez-do-chão? O namoro nacional tem as suas comodidades e necessidades.

DIZ-SE que o actor Chaby Pinheiro foi a Roma pedir ao Papa uma penitencia para a gordura.

O Chefe da Igreja aconselhou-lhe jejum obrigatorio e uma distribuição da sua fortuna por todos os pobres.

Escusado será dizer que o grande actor não aceitou tão prudentes conselhos.



DAQUI a dias, temos no Teatro da Trindade a companhia Lucilia Simões-Erico Braga.

E, no decorrer da temporada, a *Prisoniere* e a *Garçonne*, peças de verdade e de realismo, tendentes a emancipar a mulher dos seus preconceitos.

Emancipadas já elas estão!



JOSE Ricardo era um fumador impenitente. Um dia, de cigarro aceso, passeava entre bastidores, quando lhe apareceu o inevitavel bombeiro:

«—O senhor não pode fumar...»

«—Já sabia!»

—?!

«—Os medicos dizem-me a mesma coisa!»

O Homem das 5 horas



CACHEZ... LE NEZ

(Instantaneos do Ba-Ta-Clan)

O DIA DE S. MARTINHO

(Aos devotos de Baccho)

Oh! Ih! Oh! Ai!
E' preciso beber bem!
Que S. Martinho não nega
as castanhas e o vinho!

Oh! Ih! Oh! Ai!
Haverá no mundo alguém
que não apanhe uma *séga*
no dia de S. Martinho!

Corre o branco e o carrascão
enchendo os copos em roda!
E chega-se á conclusão
que está tudo a pedir soda!

Ha copos sobre o balcão,
castanhas no assador,
e até mesmo o carrascão
parece ter mais asbôr!

Maria! Teus olhos prendem a gente!
Cachopa! São teus labios qual torneira!
E os teus seios duas pipas d'aguardente
que me levam tanta vez á bebedeira!

Tomam todas as tabernas
um sabôr de S. Martinho
e vão-se abaixo das pernas
todos os que entram no vinho!

E de volta já, notando
que as ramboias já lá vão,
ficam muitos vomitando,
encostados ao balcão!

Maria... (etc.)

(Musica da Espiga).

Anibal Nazaré.

PERFIS ALFACINHAS

Sentidôôô! Apontar! Fogo!...

Magro, muito trigueiro e com bezigas,
d'ouvido atento todo o santo dia,
l' em Pedrouços, á fusilaria
dumas supostas hostes inimigas...

A neura, ás vezes, põe-lhe a bola em
migas
e agora dirigiu a pontaria
para o Ginasio aonde com valia
versões lhe ouviremos sem fudigas.

Segundo as luas ou as temporadas,
ten na sua voz um certo não sei quê
que nos encanta com as silabadas...

E, nas iniciaes, logo se vê
a marca das tais linhas afamadas
que tem um J., um P. e mais um C...

Reporter B.



—Tens uma tal liberdade no ves-
tuário!
—Que queres, filha! Foi assim
que nasci!

A NOVELA DO "FIXE"

A voz das pernas

Como nasce uma vocação

Aninhas é uma rapariga dos seus 17 anos, criada de um joven casal, irreperiente e que passava a manhã, enquanto fazia as camas, a cantar o *Vem junto a mim* e, durante a lavagem da loiça, a *Espiga do Cabaz de Morangos*, com uma voz são maviosa e bem timbrada que a visinhança não se cansava de a ouvir, e tanto que um coronel reformado, antigo frequentador do gainheiro de S. Carlos, lhe dera o conselho de seguir a carreira, visto que, dizia ele, os principios de Caruso foram a vender *petrolene* nas ruas e, pelo seu pregão, conseguiu a Imortalidade.

—Mas como é que isso ha de ser, visinho?—dizia a Aninhas. Isso são fantasias...

—Quais fantasias!... Eu estou com a situação, conheço grandes influentes na Arcada e pode muito bem ser que se dê uma volta. Uma pensão-sita...

A Aninhas ouviu o coronel como se falasse em chinês e ele dava-lhe esperanças, dizendo-lhe:

—Deixa estar que eu valho alguma coisa...

Ora a patrão da Aninhas, a noiva, era uma figurinha de *capa de magazine*, daquelas que, parece, já nasceram cocainadas, pontonponizadas por uma questão de linha de má confecção paterna, mas que não deixava, actualmente, de ser uma mulher *chic*, cheia de ideias linfáticas e que a faziam viver, invariavelmente, num outro mundo aparte.

—Então, rapariga, dizia-lhe a patrão, ainda estás com a mania de ir para o teatro? Olha que voz como a tua ha poucas... Ah! se eu tivesse a tua voz!...

—O quê?! A senhora tambem gostava de ir para o teatro?

—Ai não!... Mas é que, além da voz, falta-me a plastica.

—A quê? Ora, deixe-se disso, a senhora tem dinheiro e quem tem dinheiro tem tudo. Não tem agora *plasto*.

—Plastica, plastica é que é. Plastica quer dizer: boas pernas...

—O' minha senhora, então a gente canta com as pernas?

—O' rapariga, tu não viste ontem, no teatro, como vinham as coristas?

—Ai, minha senhora, que vergonha! Que pernas!... Pareciam as da senhora... As minhas, graças a Deus, como quem diz, podem-se vêr...

—?!!

Quando o marido chegou, contou-lhe logo, despeitada, a conversa que tinha tido com a criada acerca das pernas, e ele, apesar de noivo e novo, intimamente, concordava com as duas sem deixar de chamar a criada á sua presença e de lhe dar uma reprimenda.

—...E nunca mais cante cá em casa, ouviu?—diz-lhe o patrão.— Isto aqui não é teatro. Faça o seu serviço e respeite mais, para a outra vez, a senhora. Falta-lhe alguma coisa? Não está contente?

Ora dá-se o caso que nunca mais a

visinhança ouviu os garganteios da Aninhas.

No entanto, o coronel já tinha ido ao Terreiro do Paço cavaquear com o ministro da Instrução sobre o aproveitamento das aptidões nascentes e a conversa caiu na Aninhas, que suggestionou o ministro a ponto de ele prometer todo o apoio á pretensão, visto que ela seria, além de patriótica, como queu ma flamula de arte que ondularia aos quatro ventos no universo—mostrando a esfera armilar.

O coronel voltou para casa, fazendo contas pelos dedos com a despesa a fazer desde os preparatorios até ao Conservatorio, para fixar a importancia da pensão prometida.

Mas o marcial visinho, que costumava ir para as trazeiras ouvir a Aninhas, quando esta batia os tapetes ou estendia a roupa, por mais que esperasse dia inteiros, nada... O seu rouxinol estava na muda!... Ele sabia bem que a Aninhas estava em casa, pela voz esgançada da patrão quando a chamava e que atravessava estridente a robustissima divisoria do tabique da bellissima construção feita pela Escola dos Gaioleiros de Tomar, em Moraes Soares.

—Mas que terá ela tido... Teria perdido a voz?...

Teve uma resolução e pôs-se á janela, á espera. Não tardou muito que a Aninhas não viesse estender a roupa, trazendo na boca uma porção de alfinetes para, com mais desembaraço, fazer o estendal.

—Ora viva, menina Aninhas!—diz-lhe o coronel... Então que é feito?

(Micas, com dois dedos na boca, fe-lhe um gesto de silencio).

—Tem estado doente?... Então o que é que tem?

(Segundo gesto de silencio).

—Então porque é que não tem cantado?

—*Por causa das pernas!*—diz-lhe a Aninhas, cuspiendo uma porção de alfinetes na palma da mão e eclipsando-se rapidamente.

E ninguem mais a ouviu...

O coronel resolveu visitar, dias depois, o ministro, para, delicadamente, dar-lhe todas as desculpas, mas o ministro, ao vê-lo, não o deixou falar e disse-lhe:

—Homem, o que é que você tem? Parece transtornado... Descance que eu não me esqueci. Vamos já tratar da sua e nossa protegida.

—Já não é preciso, sr. ministro...

—O quê?!... Morreu?...

—Não. Não sei o que teve nas pernas que perdeu a voz.

E depois de mil fantasiosas desculpas, saiu, mas o ministro teve o cuidado de mandar dizer ao continuo que, quando apparecesse o coronel, o mandasse á fava, porque estava maluco.

O coronel, a semana passada, foi ao Eden e veio de lá encantado com as pernas duma corista!... No dia imediato, foi informado que a Aninhas tinha fugido aos patrões e entrado para o teatro...

Reporter B.

!! Não queira ficar assim !!

USE a VITELINA-VITERI

TONICO AMARELO
Torne os seus cabelos fartos, abundantes, limpos e sedosos
FRASCO \$500
Deposito—VICENTE RIBEIRO & C.
R. dos Fanqueiros, 84, 1.º, D. - LISBOA



Incompatibilidades

Os senhores julgam, por acaso, que lá por o *Sempre fixe* ser um jornal humoristico—e não consta que até hoje nenhum lhe ganhasse no genero—não segue com atenção, não estuda, não aprecia o enorme labor governamental?

A primeira coisa que nós lêmos mesmo é o *Diario do Governo*—o que não é para admirar, visto que sempre foi a folha oficial um dos maiores fornecedores dos jornais que vivem para fazer desopilar os tristes e para aumentar a alegria dos alegres.

Vem isto a proposito da lei de incompatibilidades, agora publicadã pelo sr. ministro da Justiça.

O sr. dr. Manoel Rodrigues marcou com essa medida. Marcou mesmo dois tentes—e encheu-nos as medidas.

Mas, ou por ter passado a vida separado do mundo pelos choupos de Coimbra e pela torre da Universidade, ou porque, enfim, lhe faltasse um destes auxiliares que são o *olho vivo* dos ministros, o simpatico titular da pasta da Justiça—que isto é uma Democracia de titulares e de penduricalhos—esqueceu-se de mencionar no seu ditatorial diploma uma série de incompatibilidades absolutamente verificadas e que aumentam de incompatibilidade na razão directa do tempo que vão durando.

Ora o *Sempre fixe*—que é nortea-do apenas pelo proposito de ajudar a obra de limpeza social que se vem impondo de ha alguns anos a esta parte, pede licença para expôr ao Governo as principais incompatibilidades que de momento lhe acodem ao espirito, a fim de que, sem demora, seja publicado outro diploma—que este já está...

Sêros, sentimentos, entidades, objectos e funções incompatíveis:

Uma sogra e um genro—e ainda mais uma sogra e uma nora...
Um analfabeto e um *Rolls-Royce*.
A alegria e a falta de dinheiro.
Um politico e a vergonha.
Um discurso parlamentar e a gramatica.

Uma casaca e uma revolução.
Um copo de carrascão e um «whisky».

Um funcionario publico e o trabalho.

Um policia e um jornalista.
Uma professora e o ensino.

Umas estrelas de general e uma rabona de funcionario aposentado.

Uma feminista e um homem *de verdade*.

Um pianista e a harmonia.
Um amator dramatico e a arte do Talma.

Um assassino e a vitima.
Um medroso e um toiro.

Um aviador e um sapo.
Um homem gordo e uma mulher esqueletica.

A fortuna—e eu.
O marido da actriz e o pretendente a seu *gigolo*.

Um condutor dos electricos e um rapaz dos jornais.

Nós dois—eu e ela.
Etc., etc., etc... Por aqui pode o Governo tirar o resto.

E já que falámos em incompatibilidades: porque razão é que é incompativel ser-se politico e estar-se em lugares onde se mecha em dinheiro?...

Az de Espadas.



UMA ARBITRAGEM FELIZ!

Em desafio amigavel, o *Carcavelinhos* deixou-se bater pelo *Sporting*, por 4-0. E dizemos deixou-se bater porque, ao que parece, tudo aquilo não passou dum *quet-apens* diabolico, preparado pelos rapazes de Alcantara.

Os adversarios ficaram convencidos de que são muito superiores. E toda a gente ficou supondo que o *Carcavelinhos* está muito em baixo...

Entretanto, em Alcantara, de mistura com sorrisos marotos, só se ouve murmurar:

«*Esperem pelo campeonato, que nós lhes daremos o arroz...*»

* * *

O assunto palpitante da *bola* tem sido o desafio *Carcavelinhos-Bemfica* que deu um protesto que estendeu um arbitro que originou uma reunião magna que deu azo a uma parada de forças que fez com que o assunto ainda esteja em aguas de bacalhau...

Segundo a ultima informação que nos chega, a direcção da Associação resolveu, por agora, não resolver coisa alguma. O problema parece-lhe—quando mais não seja, pelas consequencias sismicas de qualquer *verdictum*—tão complicado que entendeu dever iluminá-lo com projectores estrangeiros.

Assim, vai consultar sobre tão mirifica questão o *International Board*. Para isso, organizará um processo completo e documentado do protesto, a que irão apensas as impressões digitais do arbitro e varias fotografias do cronometro antes e depois do chocolate...

O processo será remetido á Federação Nacional de Foot-ball Associação, que por sua vez o enviará á Federação Internacional de Foot-ball Association. Esta fá-lo-ha chegar ás mãos do *International Board*, que reunirá, lerá, apreciará, julgará e pronunciar-se-ha.

*Sola, sapato, rei, rainha,
mas que triste vida a minha!
Aonde vim eu parar?
Que coisa tão agradável!
Puseram-me a arbitrar
um desafio amigavel...*

*Salta a pulga da balança,
toda vestida de luto.
Dum lado me chamam trouxa,
do outro me chamam brulo.
«—O urso larga o apito.»
«—Eh aldrabão! Fora! Fora!»
E a secundar este grito
berram todos: «—Vai-te embora!».*

*Um back mete uma mão.
«—Penalty!» — grita o pagode.
Ai meu Deus! Ai quem me acode!
Mas que grande confusão!
O tal back diz que não,
os outros dizem que sim,
e eu não vejo mesmo boia.
Arma-se um grande chinfirim
que parece que ardeu Troia.
Marco o penalty. Jesus!
Que fiz eu! Mas que fiz eu?
Santas e santos do céu,
ajuda-me á minha cruz.*

*E os cavalos a correr...
São da guarda! São da guarda!
Oíço tiros de espingarda,
há pistolas aperradas,
já levei quatro chapadas,
três pontapés cá atraz.
Guarda-chuvas e bengalas...
Ouve-se o zunir das balas.
De pensar não sou capaz.
Chanfалhos andam pelo ar.
Estou num estado miseravel.*

*Quem me mandou arbitrar
um desafio amigavel?!*

Após o que, o *International Board* escreve á *F. I. F. A.* que escreve á *F. P. F. A.* que escreve á *A. F. L.*

Entretanto...

Entretanto, eu conto uma historia: Era uma vez um rei a quem um subdito fez grossa patifaria. O rei começou por mandá-lo prender. Depois mandou-o matar.

Conhecedor da sentença, o reu fez chegar ás mãos reais um apêlo-proposta, que dizia, mais coisa menos coisa, o seguinte:

«—Se Vossa Magestade me susta a pena por um ano, comprometo-me, no fim desse tempo, a apresentar-lhe um burro a lér correntemente.»

E a proposta foi aceite.

Um amigo perguntou ao condenado á morte:

«—Mas que ganhaste tu com essa moratoria? Porque decerto não acreditas que um burro possa aprender a lér...»

«—E' claro que não acredito. Mas que ganhei? Ganhei um ano! E tu sabes o que isso representa! Quantas coisas podem succeder no espaço dum ano? Pode morrer o rei, pode morrer o burro—e até eu posso morrer...»

Tire daqui o leitor a conclusão que melhor lhe convier...

* * *

Um trecho da critica publicada no semanario *Rocio*, sobre o ultimo encontro de *foot-ball*:

«O dominio dos loões continua. Jorge tem estado classico.»

Por tão bom caminho, ainda esperamos poder vir a lér apreciações profundas sobre: os *remates goticos*, os *mergulhos mouriscos*, os *shoots idade média* e os *encaizes renascença*.

De exhibições futuristas não falamos porque são moeda corrente no *nostrc foot-ball*...

Zé Maria.

Rebola-A-Bola.

As cotações na Bolsa dos valores footballisticos



Vitoria 41 3/8	Eclenenses 38 71:2	Sporting 31 1/2	Carcavelinhos 31	Bemfica—30 3/4	Imperio—11 1/32	Casa Pia—3 5/16	Uniao 9,0001
Produto hungaro com tendencia a firmar-se	Produto nacional muito valorizado	Papel instavel sem tendencia definida	Chocolate—Valor tendente a subir	Grandes altas e baixas Bom para especular	Valor frouxo, apesar da importação	Grepe—Passou de moda em 1922	Papel sem valor—Sobresaltos inesperados

A MENINA SERPENTE

[Historia para meudos por Almada-Negreiros]
(CONTINUAÇÃO)



42

E no regresso cantavam alegremente vitoria, depois da batalha.



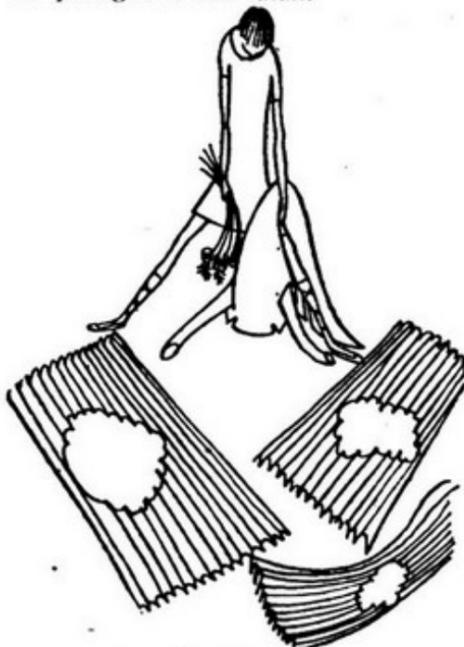
43

Entretanto, a rapariga tinha ido colher umas floresinhas para enfeitar o seu quarto de dormir.



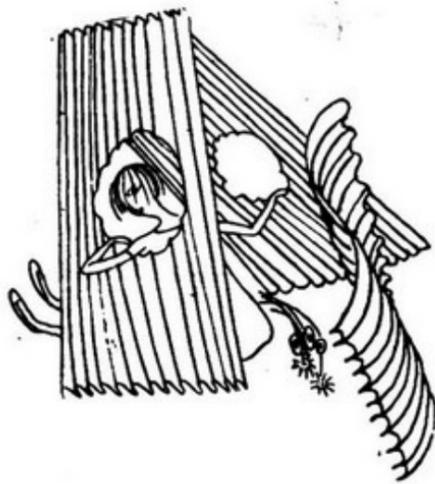
44

E com um lindo ramilhete recolhia da paisagem a sua casa...



45

... quando chegou tarde para fazer frente ao inimigo.



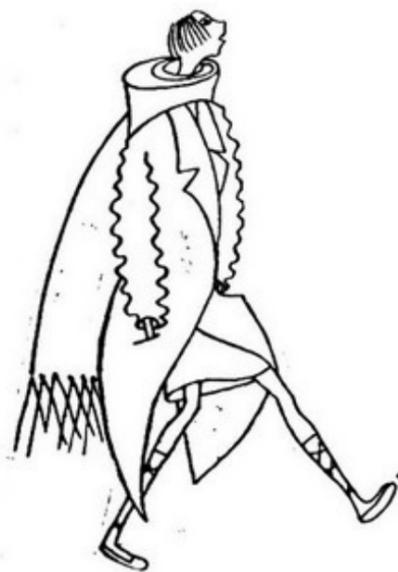
46

Como tinha muito bom coração, sujeitou-se às circunstancias, reedificando com os proprios destroços a primitiva habitação.



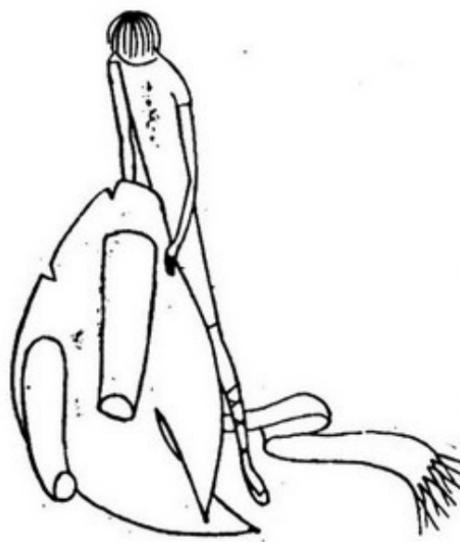
47

E quando chegou a noite, foi como de costume para a representação.



48

E durante o caminho, por mais que pensasse, não adivinhava o que podia ter acontecido na sua ausencia.



49

Chegada que foi ao local do espectáculo, retirou o abafo...

(Continua).

O Doutor Inverosímil OU CARICATURISTAS, APARAI O LAPIS!

A leitura é um divertimento divinal. *Sempre fixe* também aprecia a leitura. Também lê. Lê tudo que pode. Ama o prazer que os livros fornecem e, portas a dentro, muito mais se eles são alegres, desopilantes, desanuviadores das inevitáveis tristezas e lamurias do momento, mais melancólico que o tédio.

Pensa logo nos leitores, e como, felizmente, está longe dos colegas acaparadores de proveitos, honras e vaidades, que só «eles possuem talento», «fazem panelinhas» e «nunca falam nos outros para não perturbarem, efuscadamente, a sua inveja»—não se importa de citar quem fôr, apontar o merito, correr as cortinas que occultam as verdadeiras manifestações de espirito. E as fronteiras não o amedrontam. Pelo contrario.

Pois, lêmos ontem um livro curioso, transbordante de humor, todo ele repleto de ironia, alta critica a casos de actualidade, apreciando e comentando virtudes e defeitos numa agradável espiritualidade, eivando-se dum certo sabor scientifico, mas fevendo d'observações originaes e encantadoras!

E' dum espanhol e parece dum inglês. Swift no sul. Chama-se o autor Ramon Gomez de la Serna e intitula-se *O Doutor Invisível*, com descul-

pas para a fidelidade da tradução, dos vertedores encartados que, presentemente, entendem ser eles os padrinhos de neofitos bem baptizados, aliás, verdadeiramente, pelos seus competentes protectores. A materia medica é bem aproveitada e digna de elogio. Depois de Molière, pouco aproveitada, mas agora em acentuada regressão.

E' em pequenos capitulos, curtos, que o autor se exprime. Teria interesse citar todos. Parece legendas para o *Sempre fixe*. Ele as aproveitaria satisfatoriamente. Mas o espaço é de muitos.

Quão divertida não é aquella dama que, com um gesto tragico, digno de Hamlet, tem um mal aqui,—aqui, afinal, onde não ha nenhum orgão essencial? Não é possível a menor hesitação. Fingem operá-la no dia seguinte; mostrar-lhe-hão um coração de vitela ou qualquer outra coisa parecida, e ela se declarará curada: não sente mais nada, está radiante.

Quantas outras observações, que tem um real valor medical? Tal mulher é atacada dum inexplicavel paludismo. A sua predilecção pelos vaxos de flores, onde a agua se estagna, explica tudo ao nosso Sherlock-Holmes hipocratico. Uma outra foi acometida duma angina de peito: é

porque passa a semana a fazer milhares de cigarros para os seus parentes.

Mas onde o «humor» do publicista se evidencia é quando descreve, por exemplo, um par de esqueletos vivos só com o periosto sobre os ossos e que vivem alegremente como fugidos do tumulto. Que agilidade, que graça incalculavel nos ossos. E' uma maravilha ver a ligeireza com que certos esqueletos se agitam. E' um prazer pegar-lhe pelos braços, sem carne inutil interposta.

Que dizer igualmente dos microbios?

O autor adora-os. Um microbio, para ele, é uma coisa inofensiva, encantadora, ingenua, e que mata.

—Se eles se atirassem a mim, diznos ele, creio que sorriria na minha agonia, pensando na alegria desses microbios.

Ha-os lentos, reflectidos, num andamento de pantera; ha-os que lembram as focas, outros que parecem alegres geometras. Ha microbios ciclistas; ha-os execraveis, os tocos, os doidos, de todos os generos e classes, e os admiradores. Obedecem a ideias; tem um estilo decorativo inimitavel e, quando o observador os tolere para os reconhecer, nota-se o seu contentamento e o seu orgulho de se vêrem vestidos de brilhantes cores. Ha medicamentos, injeções que rebotam

como uma bomba no meio deles e juncam as bordas de cadaveres microbianos. Não mexem mais; vê-se que eles sofrem, nas proximidades da morte. No entanto, como propõe o professor Richey, é necessario mudar de antiseptico de tempos a tempos, pois os microbios habitua-se aos que são presentemente usados.

«A» força de se viver espiritualmente com os microbios, á força de os observar, com o grosso olhar de relojoeiro, chega-se a gostar deles e honramos-nos quasi das suas relações.»

Ora, todo este «humor» se poderia ilustrar. Passar a traços, e com formas de pessoas vistas na farandola social, alguns desses seres e até localizar-lhes a acção. Com representantes desses microbios topa a gente a cada passo, e com esses macabros esqueletos—que, afinal, a maior parte de nós as diferentes crises a isso nos obrigam—a vista já se habituou, sem necessidade da moda os impôr, como principia agora a fazê-lo.

Que Valença, Negreiros, Amarelho, Barradas, Eduardo Faria e Stuart os tomem em consideração, ou, melhor, que os seus belos lapis, em riste, e reconhecida pericia, os exibam nos devidos traços para o gaudio geral.

José Parreira.

A Sorte Grande na Murtoosa



Alfredo Vieira Pinto, paladino do novo concelho, eleva a toda a altura do seu regosijo o ministro Jaime Afreixo, que realizou a aspiração por que a Murtoosa estava mortinha